VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

Ô HOMEM DE DEUS, BENDITO SEJAS TU, HONESTO E TRABALHADOR, UM VERDADEIRO REGENTE DA FAMÍLIA E SERVO DO SENHOR: A REPRESENTAÇÃO DE UM MODELO DE MASCULINIDADE SOB A ÓTICA DO JORNAL CRUZEIRO (1941-1958)*

Jakson dos Santo Ribeiro**

A masculinidade, desde os estudos evolucionistas do século XIX, foi sendo compreendida a partir de modelos naturalistas que a interpretavam enquanto uma consequência biológica da formação humana, ou seja, foi vista como sendo puramente sexual-biológica. Com isso, foi se institucionalizando através dos discursos técnico-científicos – tanto na sociedade quanto na academia – a concepção de que a personalidade e as ações sociais dos homens seriam delimitadas por sua aparelhagem física, e que a diferença entre os sexos era fruto de uma estrutura natural inquestionável.[1]

---

* O texto apresentado aqui faz parte do quinto capitulo do trabalho de TCC, defendido em 2011, para obtenção do titulo de graduação, o em História pela Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Campus/Caxias.

** Mestrando em História Social pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA

1 BOTTO, 2009, p.12

ISBN: 978-85-98711-10-2

A tradição iluminista deixou, entre outras heranças, a noção de subjetividade autorreferente centrada no indivíduo, unificada, articulada em torno do pensamento validado pela razão, com a qual a totalidade da história humana pode ser compreendida e dominada. [2]

É valido ressaltar que a fonte fomentadora em que análise subjetiva emergia era um espaço social que regulava as situações sociais com suas regras normativas e disciplinadoras. E isso em temporalidades diversas. Entre tais instituições é de significativa relevância citar a Igreja e o Estado, em que as normatizações são bem explícitas no que se referem ao gênero mais especificamente.

Considerando a subjetividade pelo ângulo de sua produção por instâncias individuais, coletivas e institucionais, procurou-se renunciar as pretensões universalistas das modalizações psicológicas para tentar apreender a subjetividade em sua dimensão de criatividade processual, como todo um conjunto de circunstâncias histórico-socioculturais (origem, classe social, etnia, cultura) e biográficas (trajetória de vida e de trabalho) que enseja o sentido do eu.[3]

Nessa perspectiva, o "eu" que age hegemonicamente, por que detém o poder, como era o caso dos articulistas do jornal Cruzeiro, construíam regras normativas, relações situacionais entre os gêneros, como forma de privilegiar-se diante das regras construídas. Mantendo assim, a hegemonia e consequentemente a superioridade masculina.

Desta forma, ao fazermos alusão aos novos modelos de masculinidade nosso estudo se volta para um recorte temporal em que é perceptível sobre as práticas masculinas, subjetivações e representações de novos modelos, como mencionamos anteriormente.

As décadas de 1940 e 1950 marcam assim, um período em que as mudanças em torno da identidade masculina se tornam mais perceptíveis, quando nos referimos às percepções sociais em torno da figura masculina, isso claro no espaço geográfico do qual estamos analisando, no caso Caxias.

---

[2] MATOS, 2001, p. 45.

[3] MATOS, 2001, p. 49

ISBN: 978-85-98711-10-2

Diante desta máxima, em que as identidades de gênero ganham novos olhares, o homem, por exemplo, para afirmação de sua masculinidade, a ótica de análise perpassava pelo labor, ou seja, não bastava possuir um afirmativo biológico para definição da sua masculinidade, pelo prisma social esta afirmativa deveria ser apoiada pela sua atividade laboral.

O trabalho torna-se o elemento qualificador dos homens, ou seja, ser homem não estava relacionado mais diretamente às qualidades rústicas, mas sua identidade foi sendo configurado em outro campo de subjetivações agora sobre a ótica do substantivo "trabalho", pois se quer passar para mentalidade citadina, que ser homem é ser trabalhador. Uma construção que vai tornando-se um alicerce de significativa relevância para a qualificação da masculinidade do homem, principalmente em Caxias.

Entre as primeiras décadas do século XX, e principalmente entre 1940 e 1950, a representação da masculinidade foi sendo atrelada a ideia do homem que trabalha de sujeito honesto, comprometido com a sua família. O homem deveria com urgência conquistar um vinculo empregatício, para que a masculinidade se processe como uma prática.

Nesse processo, o trabalho aparecia como fonte básica de autorrealização. Um espaço de criatividade e prazer, veículo de crescimento pessoal, com a função de nomear o mundo subjetivo dos homens, valorizando-os por sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso e iniciativa, modelando-o com as expressões daquele que tem em si atributos de poder viril.[4]

A masculinidade, tendo como prisma valorativo o homem que trabalha os discursos tanto da Igreja quanto do Estado, na época buscava constituir representações, que ressaltasse a identidade masculina. Tal campanha tinha assim, apoio do próprio presidente da republica, Getulio Vargas, que mantêm uma campanha intensa sobre essa máxima, e isso, é claro durante seu governo.

Em Caxias, essa prerrogativa é intensificada pela Igreja, via mecanismo informativo religioso, no caso o Jornal Cruzeiro[5]. Esse homem é subjetivado através dos

---

[4] MATOS, 2001, p. 51

[5] [...] O jornal Cruzeiro foi um periódico que circulou em Caxias na primeira metade do século XX. O mesmo pertencia ao grupo de religiosos da cidade na época. O jornal emerge assim no cenário

ISBN: 978-85-98711-10-2

discursos do periódico religioso, mas a masculinidade exaltada é uma representação mais ligada, ao lado religiosa.

O homem, nos discursos do jornal, é forte, trabalhador e que zela pela família. Na perspectiva do jornal, os homens caxienses devem corporificar em suas práticas uma "masculinidade santa". Assim a representação válida do que é ser homem, estava baseado em um sujeito de boa índole, provedor de bons exemplos e mais importante trabalhador e honesto.

Na esteira dos discursos a mecânica funcionava em valorizar a ideia do homem trabalhador, e por sua vez, manter um sujeito normatizado conforme as prerrogativas de progresso que o Estado pregava naquele momento. Como também trazer o homem pra mais perto da vida religiosa. O jornal utilizava como modelo a imagem de José, religioso que é trabalhador e dedica-se a família. Essa prática discursiva faz alusão a um homem, mas com suas bases religiosas bem estruturadas tanto na sua identidade masculina como de homem religioso.

O respaldo para gestar um modelo de gênero no bojo das relações sociais em Caxias tornava o periódico religioso o legitimador de qual padrão masculino os homens caxienses deveriam seguir na sua prática cotidiana. A fisionomia que o jornal imprime em seus discursos sobre a ideia de homem perpassa em naturalizar a ideia do mesmo como a chave do núcleo familiar, que organiza e controla a instituição maior – a família, como também efetivar a representação desse ideal no real.

A identidade masculina, dessa forma, só seria aceita quando os sujeitos (homens caxienses) em suas práticas assumissem esse ideal construído nos discursos do jornal religioso. A contrariedade seria para o periódico a prova de que a sociedade estaria vivenciando os tormentos desqualificadores da boa moral efetivado pela igreja.

SAI DE RETO MODELO DESPRADONIZADO

---

caxiense como uma imprensa que teria grande influência na sociedade, pois o principal jornal da cidade no caso, o Jornal do Commercio, que era dirigido pela família Teixeira, já havia deixado de circular a trinta anos na cidade[...] (RIBEIRO, 2010, p. 20)

ISBN: 978-85-98711-10-2

Ao defender um modelo padrão, o discurso do jornal estava salientando que os modelos fora desse padrão não agradariam os anseios da Igreja Católica Caxiense. Desse modo, o discurso ratificava que os empecilhos para que este modelo não viesse a se concretizar em uma prática cotidiana também deveriam ser combatidos.

Ao levantar a imagem de José como o padrão de homem que deveria ser seguido, o jornal combate todos os perfis de masculinidade, que pudessem levar o homem caxiense para além desse padrão.

Como bem afirma Sena (2009) o homem deve ser pai de família e líder de casa, e o Cruzeiro estabelece, nesta ótica, normas de condutas, visando destituí-lo dos maus hábitos e valores danosos ao trabalho [...].[6]Para o jornal manter um homem livre desses maus hábitos estaria contribuindo para que a identidade masculina não fosse abalada, e assim a ordem da moral familiar e social estaria garantida. O deslocamento da identidade masculina para uma figura religiosa e positivada mostrava as garantias que a Igreja iria obter exortando dos sujeitos hábitos impróprios para ordem social.

Por isso mesmo o periódico religioso trazia conselhos para os homens como uma forma de coibir-los de tais práticas. Neste sentido, considerava que hábitos, impróprios para vida dos homens caxienses trariam malefícios para ordem social, visto que na ótica do discurso do jornal o homem era representado como sujeito regente do núcleo familiar, e deveria mostrar e dá bons exemplos.

Dessa forma, percebemos que todas as edições do jornal analisado durante a pesquisa, eram frequentes notas, remetendo-se aos vícios e os males, e os que eles poderiam ocasionar na vida de um homem. Um mecanismo discursivo utilizado pelo periódico para desqualificar práticas vistas como impróprias.

> **Engano dos que fumam**
> Os fumantes costumem alegar que fumam durante o trabalho porque o fumo lhes dá boa disposição e aclara as ideias. Puro engano: o fumo diminui a capacidade de produção, prejudica a memória e tem ação nociva sobre a inteligente.
> Torne o trabalho mais suave e produtivo, evitando o fumo durante as ocupações. [...][7]

---

6 (SENA, 2009. p. 55)

7 CRUZEIRO, Caxias-Maranhão, Sábado 1º de maio de 1948 nº. 625. p. 02

ISBN: 978-85-98711-10-2

Neste sentido, a ideia era combater o vício e normatizar os sujeitos conforme os ideais de corpo sadio que estavam forte na sociedade brasileira na época. Assim, a conotação dada aos vícios era de uma imagem prejudicial aos homens honestos, e também era uma forma de coibir o expressivo aumento de homens, que estavam adquirindo os vícios exaltados pela modernidade. Para o jornal Cruzeiro, os homens que possuíam esses hábitos estavam contribuindo para o próprio desregramento social e familiar, que estava ganhando espaço, e o real valor moral e religioso estavam em crise.

A masculinidade seria definida não só pelo que devia ser os comportamentos masculinos, mas também pelas margens, pelo que era condenável, pelo que não enquadraria nos parâmetros aceitáveis para os comportamentos masculinos disciplinados.[8]

Sob o manto da igreja o discurso do Cruzeiro mostrava que não poderiam existir na sociedade caxiense homens que fumassem e bebesse, pois assim poderia influenciar outros homens que não possuíam as mesmas práticas. Dessa forma, o jornal combatia principalmente o alcoolismo[9], um dos grandes problemas sociais emergentes na sociedade brasileira nas suas primeiras décadas. O Cruzeiro, assim, trazia modelos de masculinidades religiosas, para que os homens pudessem viver mais tementes a Deus e respeitosos a vida familiar na sociedade. Como também possuir um padrão de masculinidade equiparada à vida de José.

> **Homem de Caráter**
> Católico convicto, Garcia Moreno tomou a defesa da religião com todo ardor de sua alma.
> Seus argumentos foram tão fortes e convincentes, que o amigo incrédulo, não podendo mais responder, disse-lhe afinal a queima roupa.
> - Muito bem; só a religião é coisa tão bela, o senhor a práticará. Ora, eu aposto que o senhor não se confessa.

---

8 (CASTELO BRANCO, 2008. p. 134.)

9 O alcoolismo parece estar emergindo como um problema, neste momento, a partir de dois condicionantes históricos: por um lado, a emergência de uma economia industrial que cada vez mais precisava de braços para o trabalho que fosse disciplinado, capazes de obedecer a uma rotina continua de trabalho, o que não ocorria com os trabalhadores alcoólatras. [...] Por outro lado, muitos textos dão a entender que a prática de beber, principalmente de beber cachaça, que na sociedade escravista era comum entre as camadas populares e, principalmente, entre os escravos, para agüentarem a dura jornada de trabalho, parecia estar chegando às camadas dominantes, pelo menos para membros das elites, notadamente, homens que, por viverem a *débâcle* econômica, entregavam-se ao vicio da cachaça com forma de fugir à realidade. ALBURQUERQUE, JUNIOR, 2008, p. 116.

ISBN: 978-85-98711-10-2

> Garcia Moreno, que era homem de caráter, sentiu profundamente a observação e replicou:
> - E' verdade... Hoje o senhor tem rasão, mas amanhã, o seu argumento não valerá mais nada.
> Naquela mesma tarde ele procurou um sacerdote e confessou se em São Suplicio. Nunca mais deixou de confessar-se e mereceu morrer como um herói cristão.[10]

Partindo do modelo de identidade exposto no discurso do jornal, o papel do homem exemplificado demonstra que os caxienses deveriam se espelhar neste homem, pois o sujeito quando praticante dos princípios religiosos não deixava de ser homem, pelo contrário, na perspectiva do jornal seria uma forma de garantir a paz na família e na sociedade caxiense para época, pois iria viver uma vida regrada nos bons valores da religião e da moral.

Na nossa cultura, as ideias religiosas permanecem com relevância e por sua vez possuem um peso significativo, e isso em todas as expressões religiosas oriundas da tradição cristã. Dessa maneira, o discurso do jornal o Cruzeiro dá ênfase na manutenção da supremacia masculina gestando uma identidade social do gênero masculino e marcando as características predominantes desse padrão de homem.

A autoafirmação de um modelo desprovido dos princípios degradadores da sociedade seria a defesa da moral e da conduta da identidade do homem, como uma necessidade, pois considerava que a modernidade efervescente despojava os sujeitos de orientações morais e religiosas.

O gênero masculino ao longo das primeiras décadas do século XX foi reforçado com ideias simbólicos. No baricentro das representações do gênero masculino a ideia era trazer a tona um modelo de "masculinidade santa", porém o jornal concebe que esse modelo não se corporificava como tal em muitos comportamentos de homens caxienses.

ARIAS CRUZ E O MODELO SANTO DE MASCULINIDADE

[10] CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, sábado, 2 de outubro de 1958, p. 02.

ISBN: 978-85-98711-10-2

O uso da prática escrituristica da legitimação de sentidos através da palavra é uma função estratégica no discurso do jornal o Cruzeiro. E mais especificamente de um seus redatores, Arias Cruz[11], que se encaixavam na perspectiva de qualificar e formar um arranjo de sentidos na construção de uma identidade, que estivesse intrinsecamente relacionado ao lugar social, e as ideias e interesses para qualificação de uma identidade "masculina santificada"

Nesse caso, as palavras são usadas e abusadas para congregar em uma prática cotidiana a normatização de uma identidade, o disciplinamento de um sujeito, nesse caso a identidade masculina. Sendo assim, as ordens das palavras são carregadas de poder simbólico, como uma forma de promover na prática dos sujeitos masculinos a própria ideia de subjetivarem como tal, com sua identidade constituída. Sobre isso Bourdieu nos aponta:

> O efeito propriamente ideológico consiste na imposição de sistemas de classificação políticos sob aparência legitima de taxionomias filosóficas, religiosas, jurídicas, etc. Os sistemas simbólicos devem a sua força ao facto de as relações de força que neles exprimem só se manifestam neles em forma irreconhecível de relações de sentido (deslocamento). [12]

O Cruzeiro é, nesse sentido, o propagador de um ideal para um real, pois se respalda na própria instituição que dar respaldo, no caso a Igreja Católica caxiense, por ser ela quem é detém o poder de verberar acerca de qual ideal de masculinidade os homens de Caxias deveria seguir na prática cotidiana, simplesmente pelo fato de ser uma instituição de poder.

Os três jeitos de mostrar que o ideal de masculinidade se passaria em assumir algumas características religiosas são, nessa discussão e analise sobre os discursos de Arias Cruz uma forma de apontar a própria legitimidade que é atribuída, ou melhor, a própria legitimação que é dada a quem escreve sobre. Nesse aspecto, o próprio compositor do discurso que se autoafirma com o poder de falar acerca de tal assunto.

---

[11] Segundo os populares Arias Cruz era uma pessoa de grande prestigio social em Caxias na época. Um dos principais colaboradores, escrevendo para o jornal e muita vez enviava seus artigos a jornais da capital.

[12] BORDIEU, 1989. p. 14.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Sob essa ótica, Arias Cruz estoca no discurso os caracteres simbólicos, que moldam um padrão, por sua vez, representa com suas colocações linguísticas a estrutura de tal, no caso um modelo de masculinidade, de homem para os caxienses.

Nesse primar pelo sujeito homem com qualidades santas Arias Cruz inicia suas proposições acerca do modelo relembrando a funcionalidade dessa figura na estrutura familiar. Iniciando "O chefe da Divina Família era o Patriarca."[13] Nessa tônica afirmativa o ideal seria que apesar de seu contexto ser outro o homem deve preservar a sua função na instituição familiar a figura de chefe de líder. Um lugar intransferível na ordem dos gêneros.

O discurso, bem menos do que um ponto de vista, é uma organização de restrições que regulam uma atividade especifica. A enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem. [14]

A afirmação de Arias Cruz ao dimensionar seu discurso a essa perspectiva não se afasta de uma prática, que no real deveria ser uma atitude primeira na vida de um homem, no caso do caxiense. Arias Cruz relembra e sua colocação através da linguagem uma competência de âmbito da identidade masculina, formalizando o gênero masculino no seu espaço de atuação.

Ao formalizar o seu olhar sobre a identidade masculina no viés santificado Arias Cruz não deixa que características pertinentes ao modelo padrão de exemplificação seja destituído de seus caracteres simbólicos essenciais, como bem afirma Arias Cruz "E' ele o casto esposo da Virgem Maria [..] eis [o] (grifo nosso) pai [...]" [15] Ser homem para Arias Cruz deveria manter um comportamento semelhante ao de José, e principalmente não esquecer das funções primordiais de homem levar e chefiar sua família, para que ela possa oferecer a sociedade os melhores filhos e exemplos.

---

[13] CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 23 de março de 1946, (Capa), nº. 545.

[14] MAINGUENEU, 1997, p. 50.

[15] CRUZEIRO, Caxias, Maranhão, Sábado, 23 de março de 1946, (Capa), nº. 545.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Para Hall (2006), a formalização do olhar sobre outro com o intuito de personificar o individuo está correlacionado com os princípios regentes de sua formação de dos sistemas simbólicos que instrumentalizaram seu conjunto de conceitos sobre os aspectos da vida, nessa situação a identidade do homem.

O Cruzeiro diante do seu universo cultural forjava através de seus discursos representações sobre as funções de gênero, mas especificamente sobre o masculino, que em muitos casos não se corporificava na prática cotidiana do cenário caxiense, pois os comportamentos apontados pelos discursos no jornal religioso se projetavam de um ideal para um real.

O Cruzeiro dessa forma normatizava em seus discursos identidades, representações sobre como deviam ser um homem, na medida em que pudesse corresponder aos anseios de um espaço social, de um grupo social ativo e com expressiva representatividade no bojo das relações dos sujeitos, no caso a Igreja Católica Caxiense.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBURQUERQUE, JUNIOR, Durval Muniz. Nordestino: a invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940),). Maceió, Edições Catavento, 2003.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, Lisboa: Difel, 1989.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. História e masculinidades: a prática escriturística dos literatos e as vivencias masculinas no inicio do século XX. Teresina: EDUFPI, 2008.

ECCO, Clóvis. A função da religião na construção social da masculinidade. Revista da Abordagem Gestáltica – XIV(1): 93-97, jan. - jun., 2008.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.Horizonte: Autentica, 2005

MAINGUENEU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. Tradução Freda Indursky. Revisão dos Originais da Tradução, Solange Maria Ledda Gallo, Maria da Glória de Deus Vieira de Moraes. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997

ISBN: 978-85-98711-10-2

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. História: Questões & Debates, Editora da UFPR. Curitiba, n. 34, p. 45-63, 2001.

RIBEIRO, Jakson dos Santos. Ô Mulher, Seja Maria Concebida, Seja Santa Submissa; Ô Homem de Deus, Seja José, Honesto e Trabalhador Seja Servo do Senhor: o padrão de gênero sob a ótica do Jornal *O Cruzeiro* de (1941-1958). (Monografia) – Curso de Licenciatura Plena em História, Universidade Estadual do Maranhão. 121 f., CESC/UEMA, 2010

SENA, Laércio Rocha de. A Ressignificaçao do Trabalho e a Construção do Trabalhador Disciplinar no Discurso do Semanário Católico Caxiense Cruzeiro (1930 a 1940). (Monografia apresentada ao Departamento de História e Geografia) Caxias, CESC, 2009.

SIMÕES, Kleber José Fonseca. Os homens da Princesa do Sertão: modernidade e identidade masculina em Feira de Santana (1918-1928). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2007.

Fonte: Jornal Cruzeiro